

CLÁUDIO BASTO

OBRAS DE CAMILO

A “COLECCÃO DO CENTENÁRIO”

Separata de A ÁGUIA (Pôrto), III série, n.ºs 21-22

EMP. INDUST. GRÁFICA DO PORTO, L.da
R. DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178
PORTO — 1924

CLÁUDIO BASTO

OBRAS DE CAMILO

A "COLECCÃO DO CENTENÁRIO"

Alameda

Separata de A ÁGUA (Pôrto), III série, n.ºs 21-22

EMP. INDUST. GRÁFICA DO PORTO, L.da
R. DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178
PORTO — 1924

EDIÇÃO DE SESENTA EXEMPLARES,
NUMERADOS E RUBRICADOS PELO
AUTOR.

N.º sessenta

C. Porto

FELIZ ideia, incontestavelmente feliz, a de solenizar o centenário do nascimento de Camilo Castelo Branco por uma especial publicação das suas obras, em colecção metódica e, sem dúvida alguma, rigorosamente cuidada.

A importância desta ideia, passada à realidade, não está, quanto a mim, na mera publicação das obras camilianas — ¿que importa a Camilo, e a todos nós, uma colecção mais? —; a importância está na forma da effectuação dessa ideia, estará em a nova «colecção» vir a ser a das edições «definitivas» das obras camilianas. Isso é que realmente importa a nós todos e, sobretudo, a Camilo.

O labor literário de Camilo Castelo Branco — tal como gira impresso — carece, todo êle, de uma revisão atenta, conscienciosamente dedicada, porque se impõe não só expungi-lo de enormes, vergonhosas calinadas ortográficas, senão também — e principalmente — *restituí-lo à forma verdadeira*.

Quanto à ortografia, sabido é que o nosso Romancista não tinha, para assim dizer, nenhuma. As incongruências e os deslizes dêle, ao escrever; o mecanismo e a ignorância dos tipógrafos, que reproduziram ou agravaram essas incongruências e deslizes; e o flagrante desleixo na revisão... tudo isso, adicionado, provocou a mais fantástica barafunda de incoerências e dislates gráficos que até hoje se tem visto!

Ora, parece-me que, através desta barafunda ortográfica, se poderá — e deverá — achar, com diligência e inteligência, *uma ortografia camiliana*, — olhando às várias grafias que o Romancista usou, escolhendo as certas, e uniformizando. Quanto a erros evidentes, que não merecem dois instantes de reparo, não há hesitação possível: emendam-se.

Nos países, onde a revisão das obras impressas está a cargo de revedores idóneos, — tais obras jãmais saem a público ennodoadas por erros ortográficos, ainda quando os autores, por mais ilustres que sejam, os hajam cometido nos «originaes».

¿É acaso desculpável que em livros de Camilo apareça *christol*, como aparece, e outros erros assim?

¿É acaso tolerável a confusão de *x* e *ch* e deslustrantes confusões dêste jaez?

Em meu fraco entender — repito —, os livros de Camilo, na «Colecção» que se projecta, devem apresentar-se com *uma ortografia camiliana*, isto é: com uma ortografia *criada* por uma revisão inteligente e diligente, mercê dos elementos ministrados pelos escritos de Camilo, — embora, no final de cada volume, o revedor exponha as alterações que fêz e porque as fêz. Reputo digno de imitação o que se praticou para as obras de Alexandre Herculano, nas «edições definitivas» dadas à estampa sob as vistas do Sr. Dr. David Lopes.

Não será, porém, apenas êsse o papel da revisão das obras de Camilo. Há mais — e pior. Em obras de Camilo há adulterações no texto; elas precisam de ser *restituídas* à sua forma autêntica.

Vou dar um exemplo, — considerando apenas um trecho, curto por sinal, o que mais vigor dará à demonstração: a *Impressão indelével*, incluída nas *Duas horas de leitura*.

A *Impressão indelével* foi publicada no periódico vianense *a Aurora do Lima*, n.ºs 189 e 190, respectivamente de 23 e 27 de Março de 1857; no primeiro número seis capítulos, e no segundo os restantes.

Tenho aqui a cópia do periódico, a 2.^a edição das *Duas horas de leitura* (Pôrto 1858, págs. 55-71), e a edição da Parçaria de António Maria Pereira, de 1903 (págs. 57-71).

Notam-se, antes de mais nada, alterações da mão do Autor. Se bem que não estejam dentro do meu intuito, — apontá-las hei a título de curiosidade.

O capítulo II termina por estas palavras (na edição da Parçaria):

«A boa da rainha, se tivesse amado mais cedo um certo bispo, não legislaria tão cruamente para os filhos do peccado. Denominava-se — *a piedasa* [*piedosa*], pela mesma razão que um rei nosso, soprando a fogueira de vinte mil hebreus, se chamou — *o piedoso*. A boa da historia é uma trapalhona!»

N-a *Aurora do Lima*, estava: *A boa rainha*, em vez de *A boa da rainha*, e *O diacho da historia*, em vez de *A boa da história*. Nesta mudança última, Camilo foi repetir a expressão que linhas atrás empregara. Pior a emenda...

O começo do capítulo VII é (ed. da Parçaria):

«Tres mezes depois, mandaram-me sahir da aldêa. O padre-mestre não me podia aturar. Tinha razão... Minha irmã,»...

N-a *Aurora do Lima*:

«Tres mezes depois, mandaram-me sahir da aldêa. O padre-mestre dizia que não me podia aturar. Minha irmã,»...

O final do capítulo XII (ed. da Parçaria):

«Meu cunhado ergueu-me pelos braços. Fitou-me com um sorriso... de medico, e affectou um ar de extranheza que eu antes quizera não fosse fingida.»

N-a *Aurora do Lima*, está a mesma frase, com um *que* entre «quizera» e «não», e mais as seguintes palavras:

«Que homens eu tenho encontrado!»

Há outras alterações que não sei, de pronto, a quem se devam. Serão do autor? não serão?

Exemplos:

Cap. I: *torvada de borrascas*, emendado para *turvada de borrascas*. Sabido é que o Autor tinha certa predilecção por *torvo* e palavras afins.

Logo a seguir, *após de si* emendado para *após si*. Camilo usa muito *após si*, de facto.

Cap. III: *dava muito tiro* emendado para *dava muitos tiros*, e *cravina* para *clarina*.

Com um bocadinho de paciência, resolver-se hão, porém, estas dúvidas.

A pontuação está modificada também, umas vezes para melhor, outras vezes para pior.

Um exemplo apenas:

Do cap. VI (ed. da Parçaria):

«Parece-me até que não conhecia ainda este verbo, em cuja conjugação depois me exercitei tanto que lhe descobri um tempo novo: é o *plusquam imperfecto*.»

Melhor, n-a *Aurora do Lima*:

...«em cuja conjugação, depois, me exercitei tanto, que lhe descobri»...

Há, por outro lado, erros, de fácil emenda, que não aparecem n-a *Aurora do Lima*:

provir, em vez de *porvir*; *cegamam*, em vez de *segavam*, etc.

Vamos, porém, ao que particularmente nos interessa agora: adulterações do texto, que transtornam a êste a gramática e o sentido.

Cap. III (ed. da Parçaria):

«eu era refractario á luz da gorda sciencia do meu padre. Fugi de casa para a serra, dava»...

N-a *Aurora do Lima*, está *fugia de casa*, que é como deve ser.

Cap. IV (ed. da Parçaria):

«— «Andai, andai, raparigas; eu tambem me diverti assim, quando tinha saude.»

N-a *Aurora do Lima*, está *divertia*, que fica melhor do que *diverti*.

Cap. VI (ed. da Parçaria):

«Dado o signal do trabalho, Maria tomava a sua foucinha, e entregava-me o ramo de boninas que andava colhendo e atando com um fio de cabelo.»

N-a *Aurora do Lima*, está o que deve ser: «*andara* colhendo e atando»...

Cap. XII (ed. da Parçaria):

«Eu tinha a cabeça em lume: as pulsações do coração eram tão fortes que me agoniavam: não senti cheiro mau, senão o da terra impregnada de ossadas em pó, de vertebraes, e pedaços de habitos mortuarios, comtudo angustiava-me»...

N-a *Aurora do Lima*, está «*não sentia* cheiro», como deve estar.

Cap. IV (ed. da Parçaria):

«Não arranchava para dançar de roda, nem cantava nas espedeladas do linho.»

Não é *para dançar de roda*, mas «*para danças de roda*»,— como se encontra n-a *Aurora do Lima*.

Tem-se visto como a simples mudança (ou falta) de uma letra altera a gramática ou o sentido das frases. Ainda uma alteração desta espécie:

Lê-se no cap. III (ed. da Parçaria):

«O meu gosto era passar o rebanho de casa por aquelles saudosos valles.»

Passar o rebanho— não se entende.

Na 2.^a edição das *Duas horas de leitura*, está:

«O meu gosto era passar o rebanho»...

A revisão, não percebendo aquele «*passar* o rebanho», corrigiu posteriormente para «*passar* o rebanho»... que se não percebe, na mesma.

Ora, a verdadeira palavra é *pascer*:

«O meu gosto era pascer o rebanho»...

Assi vêm n-*a Aurora do Lima*.

Observem-se agora adulterações do texto, provenientes de mudança, ou falta, de mais que uma letra:

Cap. VIII (ed. da Parçaria):

«Era não sei que parecia com o trinar dos passarinhos em aurora de estio.»

Isto não é português, sequer. A frase é como se segue (e como se lê n-*a Aurora do Lima*):

«Era não sei quê parecido com o trinar dos passarinhos»...

No mesmo capítulo, um pouco atrás, vem:

«Aluguei em Amarante uma égua muito nervosa ao estímulo da espora, e em dia e meio venci as oito leguas.»

— Vencer oito léguas, a cavalo? Com «vivas saudades de Maria»? Como quem faz uma áfrica?

Eu não percebo nada de cavalarias. Apenas, em minha vida, cavaleguei um pau, quando era pequeno, e uma velha égua, tam mansa e vagarosa como o pau, pelas serranias do Douro. Mas... oito léguas, em dia e meio, parece-me que sou capaz de as andar — a pé!

N-*a Aurora do Lima*, em vez de «as oito leguas» está «dezoito leguas»:

... «e em dia e meio venci dezoito leguas.»

Haverá êrro ainda? Se o houver, agora é do próprio Camilo.

O escritor, «com vivas saudades de Maria, e tambem remorsos de esquecêl-a, quási, em Lisboa», mal se apanhou nas férias-grandes, seguiu do Pôrto para Vilarinho-da-Samardã, a toda a pressa. Foi por Valongo, a cavalo, o qual ficou, «a meio-caminho», «aberto dos peitos», e, em Amarante, alugou «uma egua muito nervosa ao estímulo da espora», em que chegou a Vilarinho.

Amarante fica a 48 quilómetros do Pôrto, segundo o *Diccionario da Chorographia de Portugal*, coordenado pelo Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos. Se o cavalo ficou de peitos abertos por Amarante, e «a meio caminho», — a distância do Pôrto à Samardã deve andar por uns noventa e tal quilómetros, ou dezóito léguas e tal (por defeito). *Oito* não pode ser.

Se acaso foi o Autor, ou alguém por êle, que fêz a emenda, julgando tratar-se da distância de Amarante à Samardã (que deve andar, se é verdade o exposto, por 9 léguas), fica-nos o «tempo» — *dia e meio* — a berrar o absurdo. E lá se vai a áfrica!

Qualquer pessoa, razoavelmente sabida em cavalarias e distâncias, rectificará ou ratificará o que ficou dito. Por mim, dispenso-me de estudar, na presente ocasião, o assunto. Confesso que tenho pressa de chegar ao fim dêste arrazoamento.

Aí fica provado, suficientemente, que há, em obras de Camilo, adultrações de texto. *Em obras*, digo eu, e não *nas obras*, — porque muitas delas natural é que estejam certíssimas. Todavia, para uma «Colecção de edições *definitivas*», convirá repassá-las tôdas.

Concluindo:

Julgo que se deve estabelecer uma *ortografia camiliana*, deduzindo-a do cáos ortográfico das obras, cartas e notas do Escriitor;

julgo imprescindível a revisão dos textos, comparando as edições do tempo do Romancista e vendo, quando possível fôr, a primitiva publicação deles, — antes de apparecerem em livros: assim se verificará, ou restabelecerá, a verdadeira forma, e se averiguará a melhor pontuação dêsses textos;

e, desta maneira, ficaremos tendo a «Colecção das edições definitivas das obras de Camilo» — que oxalá seja a «Colecção do Centenário»!

Êste será o maior e melhor monumento à memória de Camilo.

Viana-do-Castelo,
3 de Maio de 1924.